

DOMENICO DE MASI

com Giulio Gambino



CONVERSAS SOBRE O FUTURO

O LEGADO DO SOCIÓLOGO QUE REDEFINIU O MUNDO DO TRABALHO



Introdução

Encontrei Domenico De Masi pessoalmente pela primeira vez em 11 de novembro de 2021. Na véspera, eu havia enviado a ele uma mensagem perguntando onde e a que horas preferia me encontrar. Ele escreveu: “Amanhã. Escolha você o lugar e a hora, como acontecia nos duelos do século XIX. Moro na avenida Vittorio.”

Poucas semanas depois, começando num sábado, 4 de dezembro, comecei a frequentar sua casa com assiduidade surpreendente, e assim foi por cerca de dois anos, quase sempre aos sábados. A princípio, apenas com o objetivo de nos conhecermos; depois, com a intenção de transformar aqueles agradáveis “duelos” culturais em um pequeno volume escrito a quatro mãos (“o nosso livro”, ele chamava). Queríamos dar um sentido à atualidade, que impunha uma reflexão mais profunda do que conseguíamos fazer na revista que eu publicava e para a qual ele também contribuía, participando de quase todas as reuniões editoriais e escrevendo artigos. Gentil, Mimmo me apresentava com preciosas aulas particulares de sociologia, que com frequência se tornavam verdadeiras sessões psicanalíticas sobre o sentido da vida.

Com paciência infinita, ele abriu a porta de sua casa para mim e me apresentou uma cultura que hoje é muito difícil, se não impossível, encontrar em um único ser humano. Era o mundo dele, passado, presente, futuro. Porém, com forte positividade, ele sempre direcionava o olhar para o futuro.





Mimmo me acomodava na sala de estar, diante de um café e de uma fatia de bolo feito por sua adorada Susi. À sua esquerda, presa à parede, uma gigantesca televisão; à direita, um grande aparador coberto de papéis, livros, revistas. Acendia o charuto e começava:

– Onde paramos?

Nossos encontros presenciais eram uma sorte e uma honra. Um tempo breve, porém intenso. Certa tarde ele me pegou pela mão, como fazia às vezes, e literalmente me arrastou para a varanda em frente à sala. Para mim – como muitos da minha geração, órfãos de líderes, mentores, pensadores –, aquelas tardes foram meu liceu, minha universidade e meu mestrado, tudo junto.

Aquele senhor elegante e nobre, afável e fascinante, de estatura baixa e mente elevada, foi uma das pessoas mais brilhantes que já conheci. Culto, talvez culto demais para a superficialidade dos nossos dias, irônico inclusive consigo mesmo, parecia o avô de *Milagre na rua 34*. No entanto, costumava tomar café da manhã com o presidente Lula ou telefonar à uma da manhã para primeiros-ministros, ex-primeiros-ministros e outras autoridades para lhes oferecer cultura e instrução.

A tarefa mais difícil, no início e no final de cada um dos nossos encontros, era organizar esse infinito fluxo de consciência.

Uma colisão entre duas gerações com meio século de diferença.

Ele, que conheceu plenamente três sociedades diversas: a rural, a industrial e a pós-industrial.

Eu, filho da sociedade pós-industrial e de sua crise mais profunda, em plena transição para uma nova época: a era do pensamento criativo, termo que De Masi cunhou e analisou.

Começamos falando de sua vida pessoal. Dedicamos aos primeiros dezoito anos de sua existência um ciclo inteiro dos nossos encontros, e ele se divertiu muito revivendo aquelas emoções, como talvez não fizesse havia tempos. O estudo, a guerra, a re-





lação com a família, as amizades e seus “vícios” – por exemplo, a “obsessão” em esquadrinhar e identificar um método em cada atividade social com que se deparasse.

Nesse sentido, uma das coisas que mais me impressionaram foi sua capacidade, talvez única, de organizar o trabalho. O próprio e o dos outros. Dispunha de um método eficaz, para a maioria de nós impensável, inspirado no fordismo e aperfeiçoado ao longo dos anos. O método funciona em qualquer âmbito, conforme me explicou: permite economizar tempo, ter organização mental, aprender rápido, aumentar a produtividade. E pode-se aplicá-lo em larga escala a uma série infinita de atividades, incluindo o pensamento criativo.

Ele desenvolvera esse método nos estudos e na sua experiência (crucial) com o amigo Adriano Olivetti, a princípio na fábrica, depois como consultor de vários projetos de negócios.

De Masi olhava e observava tudo. Atentamente. Desestruturava o método e o analisava. Algumas vezes o destruía; outras, o elogiava e aperfeiçoava. Era, obviamente, uma espécie de colapso mental para cada um de seus interlocutores.

Isso lhe permitiu prever com muita antecedência uma série de fenômenos que, como dizia, já eram o sinal evidente do fim da sociedade pós-industrial: o trabalho inteligente, trabalhar menos e melhor (com equivalência de salário), o ócio criativo. E mais: a garantia cidadã para subsistência, o salário mínimo.

Já no nosso segundo encontro senti necessidade de fazer um cronograma com os temas que abordaríamos.

No fim, entre aulas e encontros informais que ocorreram de dezembro de 2021 a maio de 2023, foram cerca de 24 horas de gravações.

Quando recebi a trágica notícia de seu falecimento prematuro, comecei a reler as anotações que tinha feito e a ouvir o material gravado. Foi natural propor a ideia de publicar um livro baseado





nas nossas conversas, mantendo-me fiel ao percurso comum que havíamos traçado.

Foi difícil fazer isso sozinho, sem a releitura e a opinião de Mimmo. Por isso, optei pelo formato de diálogo, preservando assim a natureza daquelas conversas e dando ao leitor a possibilidade de apreciar o valor dos nossos encontros.

O resultado é um diálogo informal mas denso, remanescente e introspectivo, no qual Mimmo percorre os pilares de seu trabalho como sociólogo, compartilhando pela primeira vez memórias e experiências pessoais que moldaram seu pensamento de intelectual.

O objetivo era, e ainda é, analisar alguns dos temas mais polêmicos do nosso tempo, oferecendo explicações, e em alguns casos soluções, para os problemas existenciais do homem na era pós-industrial. Apesar das potencialidades trazidas pela revolução da era digital, esses problemas permanecem os mesmos desde o início do século XIX. Nossas conversas desaguiariam no direito de ser feliz, porque “só se vive uma vez” e “a felicidade é uma coisa séria”.

O mérito deste livro é, obviamente, apenas de Domenico De Masi. Eu me limitei a fazer perguntas e a ordenar seus pensamentos.

Um dos maiores atributos de Mimmo é o fato de sempre ter sido um homem livre, justamente porque não dependia de ninguém, apenas de sua mente.

Ele foi um pensador apreciado, mas incômodo; elogiado, mas ao mesmo tempo visto com desconfiança. Ninguém na Itália, da direita à esquerda, se atreveu a mergulhar nas ideias de De Masi, que soube ler o futuro prevendo com muita antecedência fenômenos que, vinte anos atrás, teriam sido inimagináveis.

Uma história interessante surge do passado de sua família. De Masi me contou que seu avô (também chamado Domenico) foi





o primeiro homem a levar luz elétrica a Sant'Agata de' Goti, vi-larejo na região da Campânia, antes mesmo que a eletricidade chegasse a Nápoles. Como a Prefeitura não financiou seu projeto ambicioso, ele se endividou, desviou o curso de um rio, construiu uma compacta rede subterrânea de fios para levar luz e iluminar a cidade toda, simbolicamente no dia do batizado do filho (o pai de De Masi). Era 1902. A Prefeitura nunca lhe devolveu o dinheiro, mas cem anos depois, em 2002, a administração local rendeu homenagem aos De Masi, concedendo cidadania honorária a Mimmo.

Aos olhos dos governantes e líderes atuais, o que Domenico De Masi tentou realizar por meio de seu trabalho equivale ao que seu avô, há um século, precisou fazer: convencer uma população inteira, acostumada desde sempre à escuridão, de que era possível viver com luz. Um feito incrível, impossível de prever na época. Hoje, ficar sem iluminação elétrica é impensável.

A nós resta torcer para que os tomadores de decisão abram os olhos e entendam a importância de seu pensamento... sem que para isso tenhamos que esperar mais um século.

GIULIO GAMBINO





Vida particular

Domenico De Masi, você viveu plenamente em pelo menos três sociedades: a rural, a industrial e a pós-industrial. Hoje, entramos em uma nova época: a era do pensamento criativo, conceito que você mesmo cunhou e elaborou. Com o olhar para o futuro, que tal tentar antecipar sua essência, seu pensamento e a forma que tomará?

Vamos tentar. Começo dizendo que nasci em uma Itália onde 60% dos trabalhadores estavam ligados à agricultura. Uma sociedade rural. As poucas indústrias existentes estavam concentradas no norte, em cidades como Milão e Turim, mas no sul havia vilarejos completamente rurais, como o lugar onde nasci.

A massa dos trabalhadores era formada por proprietários de terra e camponeses, com poucas profissões não braçais, como o médico e o tabelião. Era uma sociedade que, por cerca de três mil anos, havia se sustentado quase exclusivamente com agricultura e artesanato. As grandes mudanças, dali em diante, aconteceram em pouquíssimo tempo em relação aos três mil anos de domínio da sociedade rural. Primeiro veio uma sociedade que se nutriu sobretudo de produtos da indústria (bens materiais como carros, geladeiras, etc.), e depois uma sociedade, a de hoje, que está quase chegando ao fim, baseada principalmente em produtos imateriais (serviços, informações, símbolos, valores e estética).

A primeira, como disse, durou três mil anos, por isso Napoleão e Júlio César, separados por dezoito séculos, levavam o mesmo tempo para viajar de Roma a Paris. Nós, que estamos a “apenas”



dois séculos de Napoleão, portanto um período muito menor, demoramos duas horas para ir de Roma a Paris, e nem somos imperadores, isto é, não gozamos de privilégios. Houve uma aceleração excepcional do ponto de vista da vida prática. Nascer sob Carlos Magno ou nascer sob Carlos V era mais ou menos a mesma coisa. Se meu avô se encontrasse com o tataravô dele, os dois estariam vestidos do mesmo jeito e tratariam dos mesmos assuntos. Se eu encontrasse meu tataravô, veríamos diferenças gigantescas. A começar pela longevidade. Ele, aos 50 anos, era considerado velho e às portas da morte. Eu sou considerado jovem aos 83.

Quando você nasceu?

Nasci em 1938, um ano antes do início da Segunda Guerra Mundial.

Onde nasceu?

Na província de Campobasso, em Rotello. É assim que se escreve: R-o-t-e-l-l-o, como *roda*, em italiano. [Risos.]

Entendi [risos]. Por que nasceu lá?

Porque meu pai, que era formado em medicina, tinha passado em um concurso para ser médico municipal em Rotello.

O que era um médico municipal?

Ah, está vendo? Essa é uma das diferenças entre mim e você, que temos meio século de diferença de idade. Os médicos eram todos de família; quase não existiam médicos de hospital. Havia pouquíssimos hospitais. O médico de hospital é uma invenção neoliberal para concentrar dentro de um estabelecimento todas as especialidades. No hospital encontramos todos os especialistas, mas não temos um médico que more perto e venha em domicílio para nos tratar.





E o médico municipal?

Era o médico da Prefeitura que devia cuidar de um território. Na época as duas doenças que mais matavam em Rotello, e na Itália toda, em geral, eram a tuberculose e a malária. Quem vivia na planície era vítima da malária. Ao longo dos séculos, as cidades foram se deslocando para o alto das colinas porque o mosquito não tolerava aquela altitude. A malária era uma doença terrível que agora, felizmente, foi quase erradicada, até mesmo em alguns países da África, graças à vacina. É transmitida pela picada de um mosquito infectado, típico de zonas pantanosas. Provoca uma febre baixa mas constante, arrepios, pele e olhos amarelados. Quase sempre era letal. O remédio usado para tratá-la era a quinina, que tinha a cor amarela justamente para que fosse reconhecível. Era distribuída de graça pelo médico municipal e por isso se tornava um elemento de poder.

Como derrotamos a malária na Itália?

Com um inseticida. O DDT a derrotou em 1946.

Então precisaram usar DDT? Está falando sério?

O DDT não existia na Itália. Hoje, diz-se que destruiu o meio ambiente. Não, não, imagine, salvou milhares de vidas. Foi assim: em 1945 chegaram os americanos, que, para não adoecerem, trouxeram o DDT. Eles o jogavam dos aviões nos campos e pântanos para combater os insetos.

E o que aconteceu com a tuberculose?

A tuberculose também é uma doença terrível, causada por uma bactéria que ataca os pulmões. Na época, levava à morte na maioria dos casos. O país estava tomado. Hoje, graças ao desenvolvimento da farmacologia, é tratável, mas no passado era devastadora por causa da facilidade do contágio, que acontecia pelas





vias respiratórias, e da ausência de remédios. Para você entender a gravidade da doença, meu pai me dizia para não encontrar com tal garoto porque era filho de “tísicos”. As famílias sofriam certo ostracismo e gerações inteiras adoeciam.

É mesmo?

Claro. Estamos falando de uma época em que as famílias ainda eram muito numerosas. Essa é outra grande mudança na família tradicional. Morria-se cedo, por volta dos 60 anos. Quando nascia uma criança, os avós já haviam morrido ou eram muito idosos. Eu, por exemplo, não conheci nenhum dos meus avós, mas tinha muitos tios. Como os casais tinham muitos filhos, se seu pai tinha sete irmãos, você tinha sete tios e, depois, dezenas de primos. É essa a reconstrução resumida da família patriarcal.

Por que você a define como “patriarcal”?

Porque, em famílias muito numerosas, a autoridade era natural, até necessária, para impor ordem. Ao menos um dos genitores exercia um comando forte.

Quantas pessoas havia na sua família?

Não éramos muitos, apenas dois irmãos, mas meu avô materno teve nove filhos e só quatro estavam vivos. As pessoas tinham muitos filhos porque a mortalidade infantil ainda era elevada. No passado, havia sido mais alta ainda. Um exemplo: até o fim do século XIX, os membros da monarquia, como Maria Teresa da Áustria e Maria Carolina de Nápoles, tinham ao menos quinze filhos, porque precisavam garantir que pelo menos um, possivelmente menino, sobrevivesse e herdasse o trono.

E quando faziam esses filhos todos?

[Risos.] Bem... Imagine só: Maria Carolina teve catorze filhos.





Entendi, mas espere, vamos fazer um cálculo: as mulheres precisavam de nove meses para gestar um filho. Quanto tempo dedicavam a fazer filhos...

Era também a maneira como o homem mantinha a sexualidade da mulher sob controle. Elas dedicavam vinte anos para fazer e criar os filhos. Enquanto gestavam o segundo, criavam o primeiro, e assim por diante. Basta pensar que a pílula anticoncepcional foi o grande fator revolucionário da sexualidade. Antes dela, era complicadíssimo fazer sexo. Na minha época, não era fácil evitar a maternidade. Não tínhamos os instrumentos necessários. A sexualidade se limitava a namorar trocando beijos, carinhos. Hoje, já é natural que as carícias sexuais evoluam para o sexo. Mas, na minha geração, onde as pessoas transavam? No bordel. Havia uma efervescência de casas de tolerância para que os homens fizessem sexo.

Hoje essa cultura desapareceu completamente.

Sim, quase, porque você acaba fazendo sexo com sua colega de turma. Uma garota que transe não fica desonrada para sempre, mas na minha época era assim. Hoje quem é que se casa com uma moça virgem?

Eu diria ninguém, ou quase ninguém...

Exatamente. A moça com quem você se casa teve suas experiências sexuais, e é normal que seja assim. Considere que estamos falando de um mundo onde ainda havia o crime de honra, punido com ridículas penas. Hoje não se controla mais a sexualidade apelando para o mito da virgindade.

A sociedade mudou muito... Essa é a grande diferença de quem nasceu antes e depois dessa época. Quem nasceu antes, como eu, entende que houve um antes e um depois. Você não percebe isso porque já nasceu depois. Sua filha, então, nem se





fala. Meus netos nasceram digitais, mas nem desconfiam de que houve uma época em que não se fazia sexo.

Vamos falar da sociedade na qual você nasceu para entender melhor sua evolução e suas mudanças, antes de chegar à sociedade moderna, que está batendo à porta. Você disse algo que me marcou muito. Você nasceu num lugar sem eletricidade, sem luz. Por quantos anos foi assim?

Durante os anos 1950, até o início da década seguinte, eram muitas as cidadezinhas sem eletricidade.

Então usavam velas?

Claro. A luz chegou em blocos. Vou contar uma história. Meu avô paterno, que se chamava Domenico como eu, era engenheiro em Sant'Agata de' Goti, um vilarejo da província de Benevento. Enquanto Rotello era uma cidadezinha rural, em Sant'Agata de' Goti meu avô havia inaugurado a corrente elétrica em 1902. A primeira cidadezinha de toda a Campânia a ter iluminação elétrica, quatro anos antes de Nápoles.

Como foi?

Ele era um homem empreendedor e havia lido tudo sobre a luz elétrica. Assim, persuadiu a Prefeitura. Imagine o tamanho do desafio: ele tinha que convencer as pessoas, que até então nunca haviam visto luz elétrica em nenhuma parte da Itália, de que era possível viver com eletricidade.

Incrível. Como era a vida sem eletricidade?

Sem luz elétrica, o dia e a noite adquirem uma importância fundamental. Hoje, que diferença faz? À noite podemos andar normalmente na rua. Eu me lembro da minha mãe dizendo: "Pode ir colocar essa carta na caixa do correio? Não se preocupe porque





hoje tem lua, então você vai conseguir enxergar a caixa.” Já nas noites sem lua não se via nada.

É mesmo?

Bem, é claro. [Risos.] Você nunca conheceu a escuridão. Eu conheci.

Me fale mais.

O que determinava a vida era a luz. Com a corrente elétrica você pode fazer tudo; com a vela pode fazer pouco. Tudo se baseava na luminosidade. O horário de verão era automático. O tempo de permanência na escola variava no verão e no inverno, dependendo da luz natural. Cerca de vinte anos depois que meu avô iluminou Sant’Agata de’ Goti pela primeira vez, muitas pessoas ainda vinham de todos os vilarejos vizinhos à noite para ver a luz. E o mais interessante é o que meu avô teve que fazer para convencer as pessoas e a Prefeitura a investirem em iluminação elétrica. Aquela que todos olhavam admirados.

O que ele teve que fazer?

Levou a água do monte Taburno, que chega até Caserta, construindo toda a tubulação até Sant’Agata de’ Goti. Ali, em um vale, instalou turbinas, gerou a energia elétrica e pôs a distribuição de pé. Havia um pequeno edifício em frente à minha casa onde estava escrito: “Energia elétrica Sant’Agata de’ Goti”. Lá era o escritório onde faziam as instalações, os contratos, etc.

E como a luz chegava à casa das pessoas?

Por fios. E não apenas isso: meu avô fez a fiação subterrânea. Você não vê um fio na rua em Sant’Agata de’ Goti porque, desde então, toda a fiação, até de telefone, foi instalada sob o chão. Hoje todas as cidades são estragadas pelos fios aparentes.





O que aconteceu depois da chegada da luz elétrica?

Em 1902, no dia do batizado de meu pai, Sant'Agata de' Goti se iluminou simbolicamente. E, veja só, em 2002, cem anos depois, em memória dessa história, me deram a cidadania honorária e até reimprimiram o discurso que meu avô fez na Prefeitura para convencê-los a construir o aqueduto. Na realidade, aqueles canalhas nunca lhe pagaram nada. Ele antecipou tudo do próprio bolso e não lhe devolveram nada.

E ele se endividou muito. Como fez?

Meu avô correu o risco de ser preso pelo alto endividamento. Foi socorrido por dois tios meus, farmacêuticos que foram trabalhar nos Estados Unidos para juntar dinheiro e pagar os fornecedores. Levaram dez anos para sanar a dívida.

Vamos falar um pouco mais de seu pai.

Bem, meu pai nasceu em 1902 em Sant'Agata de' Goti, como toda a minha família. Depois, como eu disse, se mudou para Rotello para trabalhar como médico municipal. Minha irmã e eu nascemos lá. Meu pai passou sete anos em Rotello, depois morreu. Então voltamos para Sant'Agata de' Goti. Por isso eu digo que tive duas infâncias.

O que quer dizer?

A primeira foi em Rotello, sem água e sem luz; e tive uma segunda infância em Sant'Agata de' Goti. Nasci em 1938 e, em 1946, voltei a Sant'Agata de' Goti. No meio-tempo houve a guerra, portanto não podíamos circular muito. Foi em Sant'Agata que meu pai adoeceu e morreu, em 1947. Teve duas doenças tratáveis, mas antagônicas: diabetes e nefrite. Você trata uma e a outra se agravava. Quando ele morreu, eu tinha 8 anos e meio.





Se tivesse que escolher um lugar para chamar de casa, qual seria?

Bem, essa é uma pergunta complicada. Interessante... [O escritor e poeta italiano] Cesare Pavese dizia: “Muitos sinos quer dizer nenhum.”

O que quer dizer “muitos sinos”? Muitas cidades?

Sim. O sino é um pouco o emblema do vilarejo, do povoado, da cidade.

Mas por quê?

[Risos.] Isso foi outra coisa que mudou. Para alguém da minha idade, a frase “Muitos sinos quer dizer nenhum” é bem clara. O sino significava a igreja, símbolo da cidade. Por “sino” entende-se o sino da igreja principal. Cem sinos significam cem cidades.

Tudo bem, vamos voltar ao ponto. Qual cidade seria sua casa?

Fiquei em Rotello até os 7 anos. Esses são os anos do *imprinting*, quando tomamos consciência da vida.

Eram os anos da guerra...

Vivi muito mais o pós-guerra do que a guerra. Rotello não foi atingida, a não ser quando os alemães passaram por lá, vindos da Sicília em direção ao norte. Então me dei conta do que era a guerra, com todos aqueles tanques. Ficamos todos trancados em casa.

Como era a atmosfera?

Já tinha havido o armistício, a Itália já havia traído a Alemanha.

Como as notícias chegavam?

Pela rádio. A Rádio Galena! [Risos.] Mais uma coisa que você não tem como saber...





Então me explique como era...

A Rádio Galena era um receptor passivo que funcionava sem eletricidade. Não precisava de baterias nem de outra fonte de energia. Eu escutava um programa às quintas que se chamava *Lucignolo*. Era pensado para as crianças. Nos dias de programa, todos os meus coleguinhas de turma vinham à minha casa.

Na sua opinião, hoje uma criança de 7 anos tem mais ou menos bagagem cultural que uma criança daquela época?

Uma criança de 7 anos hoje recebe uma quantidade tão grande de estímulos... Vou dar um exemplo do que era estímulo para mim: a visita da irmã da minha mãe. Minha tia morava em Milão e era casada com um professor do ensino fundamental. Vieram à nossa casa em Rotello, mas logo depois as comunicações entre sul e norte foram interrompidas... Eles ficaram na nossa casa por um ano e meio.

Como assim?

Bem... Não era fácil ir de Rotello a Milão, levaria meses, e não havia mais comunicação entre as duas cidades. E, quando a Itália se dividiu entre a República de Salò e o restante do país, ficou impossível se deslocar do sul ao norte. Eram dois mundos à parte. Não havia trens nem outros meios de transporte... Podia-se tentar ir a pé, se fosse o caso, porque de carro havia o risco de roubarem o veículo. Então, o sul da Itália foi totalmente separado do norte. E a linha se movia conforme o deslocamento do exército alemão: à medida que os alemães passavam, chegavam os americanos para nos libertar. Eu me lembro bem dessa situação. Lembro o momento em que os americanos chegaram.

Do que se lembra?

Foi uma libertação total. Havíamos ficado trancados em casa por dias e mais dias. A cidade toda passou um longo tempo ocupada





pelos alemães. Não conseguíamos falar com eles. Eles ainda não tinham se tornado maus a ponto de capturar os homens e fuzilá-los; isso ocorreu na Toscana e mais ao norte. Porém, a partir do episódio de via Rasella,* nós éramos povo inimigo, no fim das contas. Eles pegavam tudo.

Você tinha 5 anos. Foi um choque?

Imagine um menino que vê homens armados e vê a mãe correndo para pegar pão e tudo o que havia em casa para dar a eles. Guerra é guerra. É uma coisa seriíssima.

Você falava dos americanos...

Acredite em mim, a chegada deles foi uma libertação. Depois entendi por que nós nos americanizamos totalmente: convivemos com os alemães como inimigos em casa, mais fortes do que nós, mas, àquela altura, nos consideravam traidores... É interessante essa recordação. Não tinha me dado conta até agora.

O que aconteceu com vocês em Rotello?

A guerra não estourou em Rotello porque ficava na planície, mas onde havia obstáculos como colinas havia guerra e guerrilha, até porque lá havia os partisans, e no sul não.

Por que Rotello nunca foi atingida?

Devemos levar em consideração que o avanço alemão era precedido pelos bombardeios, ou seja, os americanos chegavam de avião, atacavam e obrigavam os alemães a se deslocar. O destino quis que em Rotello não houvesse bombardeios, acredito que por

* O ataque de via Rasella foi uma ação do movimento de resistência italiano contra as forças de ocupação nazistas em Roma, em março de 1944. (N. da T.)





motivos logísticos, de estratégia. Isernia, a cerca de trinta quilômetros de nós, foi destruída. Eles tendiam a atacar as cidades e os cidadãos, não os vilarejos. Não desperdiçavam munição.

Os bombardeios americanos também matavam muitos civis. Nas suas lembranças e na sua percepção, isso não era uma contradição? Uma libertação que arrasa as cidades e mata civis.

Vou explicar como acontecia: antes de cada ataque recebíamos um aviso pelo rádio de que haveria um bombardeio iminente. Sirenes também anunciavam a chegada dos aviões. Porém, não eram só bombardeios americanos, também eram alemães. Nápoles foi bombardeada primeiro pelos americanos e depois pelos alemães. E era preciso correr para os abrigos.

Onde ficavam os abrigos?

Em toda parte, em um porão debaixo do prédio, nos túneis. Muitos morreram nos abrigos, impedidos de sair por causa dos destroços, trancados feito ratos em armadilhas. E, como não sabiam onde os alemães estavam escondidos, os americanos bombardeavam sistematicamente. Nápoles ficou em ruínas.

Mas desculpa a pergunta tola e ingênua: a que custo bombardeavam tudo e todos, fazendo milhares e milhares de vítimas?

Bem... [Suspira.] E o que é a guerra para você?

Entendo.

Claro, você está certo em perguntar, mas é assim. Os americanos não eram simples aliados. Nós é que havíamos feito a guerra. E muitos italianos ainda estavam do lado dos alemães.

Em Rotello também?

Sim, muitos. O prefeito do período fascista era poupado por isso.





Foi uma guerra civil dentro de uma guerra mundial. Para cada alemão assassinado, matavam cerca de dez italianos.

Quando você soube do 8 de Setembro?

No mesmo dia. As estações de rádio eram de dois tipos: havia uma que incitava a oposição aos alemães e outra que se opunha aos americanos. Era uma propaganda contínua.

Portanto, a informação nunca foi verdadeiramente factual. Era assim?

Nunca. Sempre foi propagandística. Durante a guerra, então, sem comentários.

E você escutava as duas estações?

Cada família ouvia aquela do lado ao qual pertencia. Quando eu ia à casa do meu padrinho, lá eles escutavam os alemães, porque eram fascistas.

E a sua família?

Minha família era monarquista, mas não fascista. Quando houve o referendo em 1946, votaram pela monarquia, assim como o sul inteiro. E também Nápoles.

Acha que a Itália teria sido melhor se a monarquia tivesse vencido?

Não. Até porque nunca tivemos uma grande monarquia. Vamos falar claramente: Vittorio Emanuele II foi grande porque teve Cavour. A política de Vittorio Emanuele II foi feita por Cavour, não pelo rei. Vittorio Emanuele III, de quem é melhor nem falar, assinou as leis raciais, totalmente submisso a Mussolini. Eu, imagine só, pedi que Andreotti me contasse as 48 horas pós-referendo, ponto a ponto.





CONHEÇA OS LIVROS DE DOMENICO DE MASI

O ócio criativo

2025 – Caminhos da cultura no Brasil (com Stefano Palumbo)

Uma simples revolução

O trabalho no século XXI

Conversas sobre o futuro (com Giulio Gambino)

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

